



RIGHT PLACE, RIGHT TIME: ANÁLISE SEMIÓTICA DE UMA FANFIC ***RIGHT PLACE, RIGHT TIME: SEMIOTIC ANALYSIS OF A FANFIC***

[10.29073/naus.v3i2.822](https://doi.org/10.29073/naus.v3i2.822)

RECEÇÃO: 27 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 8 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 31 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Letícia Leal , Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil, leticia.leal@mail.uft.edu.br.

AUTOR/A 2: Luiza da Silva , Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil, luiza.to@mail.uft.edu.br.

RESUMO

A partir da análise de *Right Place, Right Time*, fanfic de Amanda Maloste (2018), este trabalho busca aprender regularidades relativas ao gênero. Para isso, mobiliza categorias da semiótica discursiva, mais especificamente às relativas à sintaxe narrativa e à enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Amanda Maloste; Autoria; Cultura Digital; Fanfic; Semiótica Discursiva.

ABSTRACT

Based on the analysis of *Right Place, Right Time*, a fanfic by Amanda Maloste (2018), this paper seeks to learn regularities related to the genre. To this end, it mobilizes categories of discursive semiotics, more specifically those relating to narrative syntax and enunciation.

KEYWORDS: Amanda Maloste; Authorship; Digital Culture; Discursive Semiotics; Fanfic.

1. INTRODUÇÃO

Começamos com uma anedota. Em uma cidade situada na região Norte do Brasil, membros de uma academia de Letras depararam-se há alguns meses com a denúncia do que o denunciante preconizava como plágio. As citações que teriam servido de mote para o escritor da referida academia eram elementares. Falavam de flores e amores. Nenhuma originalidade estética ou figurativa. Nenhuma subversão, nenhuma invenção. O autor denunciado explicava que fazia uma homenagem, devidamente indicada pela referência ao colega junto aos dois poemas que teriam motivado o processo. Estavam lá a menção aos textos de origem, inspiradores, os nomes dos respectivos autores citados. A resposta dada pelo comitê de ética da referida academia se deu por meio de considerações teóricas sobre autoria e citação. O denunciante exasperou-se, respondendo com uma escrita bem pouco delicada e afeita a reflexões sobre modos de escrita contemporâneos. O assunto encerrou-se.

Por que partimos dessa historietta? Porque falar de *fanfic*, tema deste trabalho, é inevitavelmente adentrar na problemática das citações, da autoria, da apropriação, de modos distintos e cada vez mais complexos que borram a ilusão de controle sobre os sentidos e a propriedade dos autores. Desde Bakhtin (1995), todo texto é compreendido com uma intrincada rede de citações explícitas ou não, constituindo um sujeito autor na perspectiva de sujeito atravessado por múltiplas vozes, tendo uma consciência sempre social e, por isso mesmo, histórica, o que faz com que seu dizer atualize, na materialidade de um texto, essa rede dispersa e vária.

A problemática sobre a autoria já se mostrava no *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, de 1969, com as reflexões de Foucault (2001). Não se trata, pois, de um problema que emergja necessariamente da cultura digital, mas é inevitável considerar que as ferramentas criadas pela Internet e diferentes gêneros que dela emergiram contribuem para tornar cada vez mais intrincada a questão da autoria. Nos fóruns que comentam notícias, por exemplo, muitas



vezes o texto base publicado pelo portal é sumariamente “esquecido”, frente a um acalorado debate que se intensifica entre os internautas, enunciadores apaixonados e aguerridos, em leituras/ usos que passam longe do próprio conteúdo publicado, apenas para reiterar, com a devida contundência, uma perspectiva ideológica que se quer mostrar “no grito”.

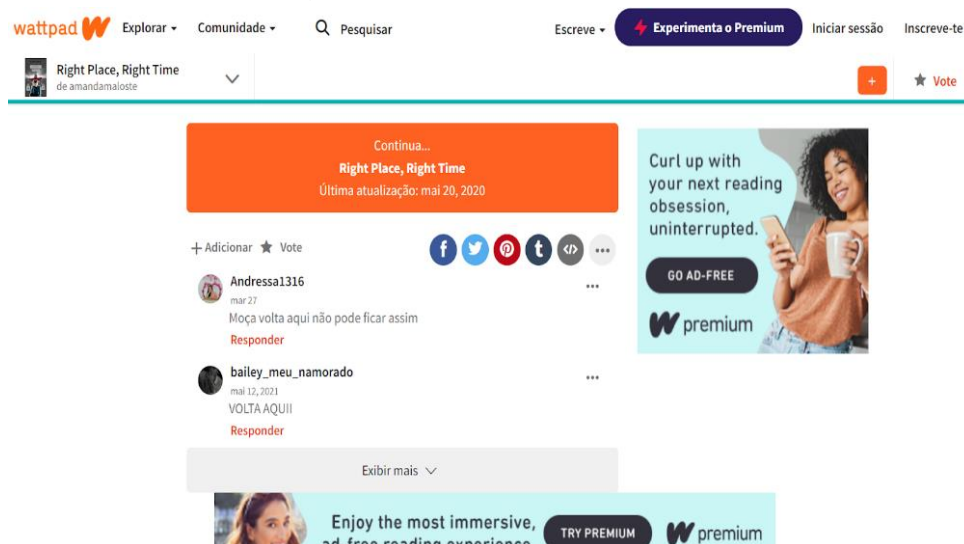
Para Beaudoin (2002), trata-se de considerar um leitor que não se restringe mais a comentários nas margens, como se fazia e se faz ao ler textos impressos em papel, mas em atuar sobre o coração do texto mesmo, servindo o texto primeiro apenas como ponto de partida para uma deriva que toma seus diferentes e incontroláveis rumos. É nesse sentido que são pensadas as *fanfics*, produções emergentes cuja produção se intensificou com a Internet.

Espaço de exercício autoral, de criação e de apropriação, mobiliza sobretudo jovens autores, que denunciam, pelas escolhas que fazem, suas leituras, seu gosto, sua urgência de passar da condição de leitores assossegados em suas poltronas para a condição de autores, que decidem os rumos que a história lida poderia/deveria ter.

Neste artigo, nosso propósito é analisar uma dessas produções, *Right place, right time*, de Amanda Maloste, publicado na plataforma Wattpad (2018). Pela adesão a uma estrutura modelar comum ao que Barros (1999) designa como “literatura cor-de-rosa”, salientamos o que se traduz como uma compreensão de literatura por parte de um grupo incontável de jovens leitores/autores.

A *fanfic*, que não é atualizada há mais de dois anos, conta com quase 80 mil visualizações e tem mais de 7 mil curtidas. O comentário mais recente (Figura 1) está datado de 27 de março de 2022. Como se pode ver no *print* das postagens, duas leitoras solicitam à autora a continuidade:

FIGURA 1: *Print* de comentário último capítulo.



FONTE: Wattpad. Disponível em: <https://www.wattpad.com/889039996-right-place-right-time-chapter-sixty-nine/page/3>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

O *print* da Plataforma (Figura 1) concorre para fazer ver o modo como o leitor visualiza as publicações online, acompanhadas de uma série de intromissões publicitárias que visam à dispersão, como convites para acessar outros *links*, o que define, também, um outro modo de ler na Web. Evidencia ainda a possibilidade de contar com a presença do leitor que enuncia sua perspectiva relativa à narrativa em processo e, em muitos casos, orienta para o “fim” que o texto pode ter. Produção e recepção se misturam num ritmo particular.



O perfil de Maloste no *Wattpad* conta com 1,7 mil seguidores e uma breve biografia feita por ela mesma informa a respeito de sua identidade: “Apaixonada por romances clichês desde a infância, guardo meu coração esperançoso para o amor mais clichê de todos os tempos, e bom, enquanto isso não chega, mantenho-me com as palavras belas formando as apaixonantes histórias de amor!” (Maloste, 2018, s.p.)¹.

Percebe-se desde a biografia da autora que aprecia narrativas clichês e, nesse sentido, as narrativas seguem essa orientação. Maloste possui dois trabalhos publicados, sendo uma *fanfic* e a outra uma história “original”. Ambas foram abandonadas em maio de 2020.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Com a ampliação do acesso à Internet, as *fanfics* vêm ganhando cada vez mais espaço na vida dos jovens leitores. Esse leitor anseia por mais do universo da sua saga favorita (de filmes, de livros, de séries), deseja passar mais tempo com os seus personagens, imaginá-los vivendo novas e diferentes aventuras, na maioria das vezes sem disposição para a chamada literatura canônica. Têm diante de si a possibilidade de que seus “heróis” ou “heroínas” possam encontrar um novo fim ou continuem vivendo suas peripécias.

Em termos bastante amplos, essas narrativas podem ser compreendidas como histórias escritas por fãs e para fãs:

“[...] uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já escreveram. [...] Fanfiction é uma velha história. Literalmente, claro: fanfiction pega uma velha história de outra pessoa e, discutivelmente, a renova, ou a refaz, ou simplesmente faz mais dela, porque o fan writer ama tanto aquela história que quer que ela continue. Só que fanfiction também é uma velha história no sentido que as pessoas já vêm fazendo isso desde [...] o primórdio dos tempos. Retrabalhar uma história existente, contar histórias de heróis já conhecidos, foi o modelo de autoria até muito recentemente”. (Jamison, 2017, p. 31–32)

Além de escrever narrativas sobre eventos e/ou mundos já existentes, o autor desse gênero tem como enunciatário pressuposto os membros de uma comunidade com a qual compartilha gostos semelhantes, comunidade de leitores e de fãs com paixões comuns. Escreve-se, assim, “para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também” (Jamison, 2017, p. 49).

Para compreender melhor do que se trata, faz-se necessário voltar ao século XX, período em que as publicações de *fanzines* tiveram início, mesmo que as *fanfics* advenham desde muito antes da tecnologia e da publicação das *fanzines* de ficção científica. No entanto, foi devido a elas que houve essa disseminação de fãs que escrevem para fãs.

Segundo Magalhães (1993), na década de 1940, o termo *fanzine* seria criado por Russ Chauvenet, jogador de xadrez e entusiasta de produções de ficção científica. Resulta de uma composição por aglutinação oriundas das palavras *fanatic* (fanático) e *magazine* (revista). Com a popularização da Internet, as *fanzines* impressas perderiam forças para uma nova onda — as produções digitais, as quais surgem com os blogs, fóruns e *fanfics*, sendo este o objeto de estudo deste trabalho.

Ainda segundo Magalhães (1993), essas *fanzines* seguiam variados temas e eram divididas em quatro categorias. A primeira categoria seria a das *fanzines* de ficção científica, que traziam textos contendo informações de diversas ordens, inclusive com críticas, sobre os filmes do gênero. Teve seu início com a estreia do filme *Guerra nas Estrelas*. A segunda seria a das *fanzines* musicais, que inicialmente fizeram sucesso entre os ouvintes de *Punk*. A terceira

¹ Todas as referências serão datadas como 2018, embora a narrativa postada por partes tenha sido disponibilizada entre 2018-2020, considerando a primeira postagem e a última.



relaciona-se a *fanzines* de quadrinhos, de que participaram até mesmo grandes estúdios da atualidade, como *Marvel* e *DC*, nas publicações. Por último, encontram-se as *fanzines* de gêneros diversos que, como o nome sugere, tratam de assuntos heterogêneos, como poesia, política, ecologia, o movimento LGBTQIA+, entre outros temas. Tais revistas tornaram-se um fenômeno ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Dentre os quatro tipos de *fanzines* existentes, a que nos interessa são as de Ficção Científica (FC), pois foi derivada delas que surgiram as *fanfics*.

Grossman (2017, p. 11) considera três acontecimentos, em 1966, como marcos importantes para o subgênero *fanfic*: a publicação de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys, a primeira apresentação da peça *Rosencrantz and Guildenstern Are Dead*, de Tom Stoppard e a estreia de *Jornada nas estrelas*.

Wide Sargasso sea poderia ser considerada uma *fanfic* ou pastiche, uma reimaginação de história de Bertha, a louca do sótão e esposa do protagonista do livro *Jane Eyre* (1847), romance de Charlotte Brontë (1816–1855). A obra de Stoppard expandiu e fez improvisações sobre a vida de dois personagens coadjuvantes em *Hamlet* (1602), de Shakespeare. Já *Jornada nas estrelas* conquista milhares de fãs e aficionados que não se contentam apenas com a série e passam a produzir *fanzines* com curiosidades e críticas e análises sobre a série, o que se intensificou tanto que passaram a criar *fanfics* sobre os personagens da série.

Esses três acontecimentos mudaram a dinâmica entre leitor/espectador e a história contada, na medida em que os fãs não participavam dos processos apenas silenciosamente, pois passaram a ter voz e transformaram esses processos em uma conversa ativa entre eles e o que estava sendo lido/assistido. Com o *fandom* de *Jornada nas Estrelas*, Rhys e Stoppard fizeram um movimento de ruptura no conceito de personagens e histórias com propriedade única e exclusivamente de quem os criou, subvertendo a noção mais tradicional de autoria.

Nesse íterim, as *fanzines* evoluíram e foram conquistando cada vez mais o público disposto a contar a sua versão da história para aquele personagem ou aquele universo. Fãs encontravam-se em convenções e reuniões para discutirem sobre suas obras, suas ideias, e para desenvolverem novas edições de *fanzines* e novas *fanfics*, dando vez e voz a modos diferentes de ser das comunidades de leitores. Com a evolução das tecnologias, houve mudanças na dinâmica do relacionamento entre os produtores das *fanzines* e *fanfics* e quem os lia. Ainda assim, os fãs seguiram produzindo suas histórias e *fanzines*:

“Com o advento da computação pessoal nos anos 1980 e da internet nos anos de 1990, a fanfiction foi cada vez mais produzida eletronicamente e distribuída digitalmente. [...]. A fanfiction se tornou livre, aberta, pública. Leitores tinham liberdade para se ocultar. Escritores continuavam tão anônimos quanto quisessem [...]. A internet mudou a fanfiction. Ponto final”. (Jamison, 2017, p. 120–121).

A tecnologia digital evoluiu, a rede internacional de computadores também, computadores de mesa enormes e lentos tornaram-se obsoletos e deram lugar aos celulares com tela *touch* e acesso a *sites* e editores de texto acessíveis a um simples toque. Essa evolução também mudou o mundo dos escritores de *fanfic*, que saíram das produções impressas e passaram a integrar *sites* e fóruns na Internet.

Como tudo na Internet, muitos dos *sites* criados acabaram se perdendo na rede, no entanto, o *archive of our own* e o *Wattpad* seguem sendo os domínios os quais têm mais visibilidade entre os fanfiquinhos. Em agosto de 2022, por exemplo, o site do *Wattpad* recebeu cerca de 149 milhões de visitas, sendo o segundo site mais visitado entre os sites do gênero, ficando atrás apenas do AO3, que teve mais de 353 milhões de visualizações no mesmo período.

Os *fandoms* também evoluíram e a *fanfiction* evoluiu, tornando-se mais dinâmica e conquistando ainda mais leitores. O que antes era apenas uma reimaginação de uma história já existente, um final alternativo para o casal favorito, evoluiu também; apesar de essas ainda serem a maioria neste gênero, outras categorias de *fanfics* ganharam espaço



nos últimos anos. Pessoas reais, artistas e atletas, tornaram-se protagonistas da imaginação dos fãs. A essa nova categoria foi dado o nome de *Real Person Fiction* (RPF).

Segundo Arrow (2017), existe uma subcategoria dentre as categorias da fanfiction: a RPF, que se trata de *fanfics* baseadas em pessoas reais, normalmente, cantores. Mesmo que haja algumas exceções, como as *fanfics* baseadas em Kristen Stewart e Robert Pattinson, protagonistas dos filmes baseados na saga *Crepúsculo*, integrantes de *boybands* são os principais personagens desse tipo de *fanfic*. Ela explica, ainda, que esse tipo de *fanfic* sofre *bullying* dentro da própria comunidade de *ficwriters*, simplesmente por ser *fanfics* baseadas em pessoas reais, ou seja, gozam de menos prestígio e são vistas com desconfiança por se afastarem do universo mais ficcional da literatura.

Neste sentido, *One Direction* e seus integrantes estão entre os artistas que mais geram conteúdo na categoria de *fanfics* RPF. Ao se pesquisar, no *Wattpad*, por “One Direction”, encontramos cerca de 25,7 mil *fanfics* na categoria, já no site *AO3* esse número chega a mais de 75 mil. Uma banda atual que vem sendo alvo de inspiração para os fãs, é a banda coreana BTS. Ao fazer uma simples busca com o nome da banda no *AO3*, recebemos como resultado quase 194 mil *fanfics*, no *Wattpad* esse número também é alto, chegando a 124 mil obras. Se formos separar as buscas pelos *ships* existentes com os integrantes da banda, dependendo do *ship* escolhido, esses números poderiam aumentar significativamente.

Tal qual *Cinquenta tons de cinza*, algumas *fanfics* baseadas em pessoas reais ficam tão conhecidas no *fandom* que acabam alcançando pessoas de fora e sendo adaptadas e publicadas como livros. A já mencionada saga *After*, por exemplo, era uma *fanfic* baseada no cantor Harry Styles, ex-integrante do 1D. Além de a saga ter se tornado livros, a Paramount Filmes comprou os direitos de adaptação e a transformou em filme.

3. METODOLOGIA

Desde os estudos em torno da enunciação formulados por Émile Benveniste (2006), toda enunciação deve ser compreendida como uma relação de natureza intersubjetiva, entre um enunciador (autor) e um enunciatário (leitor, ouvinte, espectador etc.). Toda enunciação instaura um outro a quem o dizer se dirige, projetado no texto a partir de escolhas temáticas, figurativas, ideológicas e, mesmo, genéricas. Para quem escreve o *fanfiquero*? A quem se dirige ao eleger criar narrativas a partir de outras já existentes, estas quase sempre contando com milhares ou mesmo milhões de leitores, ou personagens do chamado mundo “real”, o do universo midiático, que transforma sujeitos em ícones da cultura, movendo multidões de ardorosos fãs?

Os livros que servem de mote para as criações encontram-se entre os *best-sellers* da cultura de massa e caberia, numa análise mais densa que a prevista por este artigo, observar o que faz com que tenha alcançado apaixonados leitores que se recusam a abandonar a narrativa e querem mais, demandando continuidade, desenvolvimento da história de um personagem secundário, novas peripécias a serem vividas pelos protagonistas... Afinal, conforme Eric Landowski, “nenhum texto, nem literário, nem de nenhuma outra espécie, jamais faz sentido independentemente do tipo de trocas intersubjetiva e, portanto, da natureza das práticas das quais ele constitui o objeto” (Landowski, 1996, p. 35).

Considerar o que leva uma produção a alcançar tal status não pode ser restrita a uma análise puramente textual, buscando os artifícios da linguagem que produziram tal efeito, porque isso seria ignorar outros atores que agem para incensar o texto ao lugar do sucesso, como a ação das editoras e seu poder de divulgação. Há, portanto, que se levar em conta o que é intrínseco aos textos, mas o que lhe é externo e define modos de circulação e recepção. A despeito disso, o recorte deste artigo se concentra nos elementos propriamente textuais, visando identificar algumas regularidades relativas ao universo das *fanfics*, sobretudo relativas à estrutura narrativa, para isso nos valendo da semiótica discursiva. Como um subgênero dentro do gênero *fanfic*, elegemos uma que se inscreve na temática amorosa e que nasce da proposta de inventar uma história entre um cantor pop e uma personagem fictícia.



Partimos do pressuposto de que há uma estrutura subjacente e canônica perseguida pelo autor, que a atualiza, próximo ao que faz o autor de telenovelas: eleger-se um casal de protagonistas, fortemente impactados pela súbita emergência de um sentimento amoroso, mas cuja união encontrará uma série de contratempos. Mobilizando a metalinguagem semiótica, estão desde o primeiro momento em conjunção com o amor, supremo objeto valor a justificar toda a vida, a deixar em segundo plano tudo o mais. Mas a performance amorosa desejável não se consolida pela existência do amor nos corações de ambos. Entre o intenso querer, que muda radicalmente sua condição de ser no mundo, concebido como acontecimento que parece, pela intensidade do sofrer, adquirir condição apocalíptica, há situações que limitam o poder ser junto. Ao final, a despeito de tudo e todos os que agiram como antagonistas, a união se consolida com a promessa de eterna felicidade.

Não há um trabalho sofisticado com a linguagem com pretensões estéticas, mas a reiteração de uma estrutura narrativa que atende a um leitor que antecipa o encontro final e que se apazigua com essa previsível regularidade narrativa. O desafio do autor seria retardar a união, causando suspense com situações de aproximação e afastamento, de modo a garantir a fidelidade do leitor, que segue apressado rumo ao desfecho já conhecido desde a primeira cena.

Diana Barros (1999), analisando romances de origem canadense Sabrina, Júlia e Bianca e de grande sucesso entre jovens leitoras brasileiras nos anos 1970–1980, denomina-os como “romances cor-de-rosa”. A partir de reflexões em torno de *Da imperfeição*, de Greimas (2002), a autora analisa a ilusão de continuidade de perfeição que as narrativas desse gênero de romances formulam: “Em resumo, os romances cor-de-rosa oferecem e vendem a seus leitores principalmente duas dimensões românticas: a do amor à primeira vista, inesperado, resultado de uma fratura no dia a dia, e a de duração sem fim da perfeição, da fusão. ‘E foram felizes para sempre’ [...]” (Barros, 1999, p. 133).

Se em Greimas, a perfeição, vivência da plenitude da conjunção (fusão) entre sujeito e objeto, é da ordem do acontecimento e, portanto, tem duração fugaz, nesse gênero literário a perfeição se inscreve na ordem da continuidade e da cotidianidade.

Observando-se as aproximações entre os gêneros do ponto de vista da sintaxe narrativa, pensamos que a *fanfic* aqui analisada poderia, assim, ser caracterizada como uma *fanfic* cor-de-rosa. Para confirmar essa perspectiva, na análise, mobilizamos categorias de análise da semiótica discursiva, compreendida em termos gerais como teoria da significação. Tais categorias serão apresentadas ao longo da análise.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Right Place, Right Time, doravante RPRT, gira em torno de Alicia (eventualmente Allie) e o cantor pop Shawn Mendes². A categoria “Shawn Mendes”, no *Wattpad*, contém uma média de 10 mil fanfics publicadas. Além da narrativa de temática amorosa, a autora também trata sobre temas como TAG (transtorno de ansiedade generalizada), ataques de pânico e luto. Conforme explicita a sinopse, a protagonista Allie está passando por problemas que mudaram o seu jeito de ser e de agir. A narrativa já antecipa, pela reiteração dos verbos no pretérito imperfeito, um estado de coisas que sofrerá alteração e a estratégia enunciativa serve, assim, para criar o efeito de suspense: o que fará mudar o rumo da vida de Allie, a protagonista, que costumava (e, portanto, já não o é mais) ser “cheia de vida”, “sorrir e amar”? O texto sinaliza, pois, para uma ruptura desse estado de coisas e que motiva, pois, a produção da narrativa, ao tratar da personagem que passa de um estado de conjunção com a felicidade a um outro

² Shawn Peter Raul Mendes nasceu em Toronto (Canadá), em 8 de agosto de 1998. Cantor de sucesso nos gêneros pop, folk rock e pop rock, alcançou a fortuna de 54,5 milhões de dólares. No *Instagram*, em 26 nov. 2023, tem registrados 73,5 mil seguidores: <https://www.instagram.com/shawnmendes/>

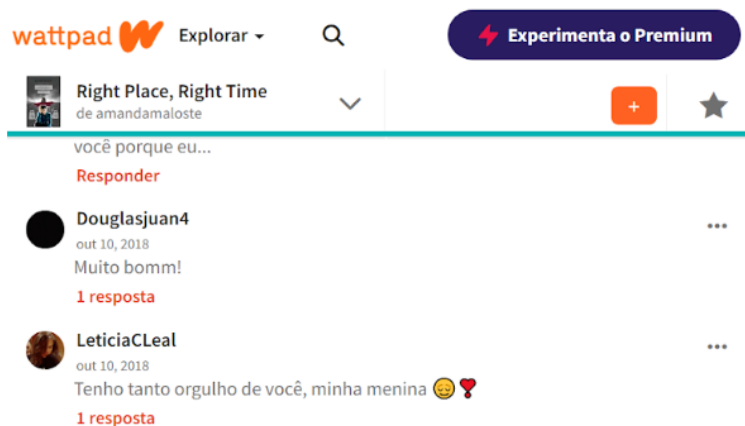


de disjunção, quando carregará “uma névoa de sofrimento”. Estão delineados ali os elementos principais da transformação, que incitam o destinatário leitor a buscar saber o que aconteceu:

“Allie costumava ser cheia de vida. Costumava ir a shows e viver intensamente. Costumava colecionar pôsteres de todos os cantores por qual era apaixonada. Ela costumava sorrir e amar. Ela nunca via as coisas de forma negativa. Allie costumava ser e fazer muitas coisas, inclusive ser um adolescente normal. Entretanto, o destino nos surpreende quando menos imaginamos. Quando ela menos notou, o destino a surpreendeu e tirou o que ela mais amava. De repente, seu mundo passou a carregar uma névoa de sofrimento. Como as lembranças de sua vida antiga pode retornar no lugar certo e na hora certa? A grande pergunta é: Será que existe lugar certo e hora para as coisas acontecerem? Existe lugar certo e hora certa para encontrar alguém capaz de mudar sua vida?” (Maloste, 2018, s.p.)

No site não há informações sobre a data de publicação do primeiro capítulo da história, no entanto, conforme vemos na Figura 2, os primeiros comentários são datados do dia 10 de outubro de 2018 e sancionam positivamente a produção que se iniciava. O personagem do “mundo real” vai, então, viver na ficção, pela “pena” de Maloste, uma história de amor e que, como toda “boa” história, é feita de contratempos, com anti-sujeitos que interferem para o final feliz, a derradeira união. Estão aí, pelas escolhas narrativas e enunciativas, implicados os enunciatários (leitores) que aderirão, como seguidores, a esse texto em processo de escritura, como se dava com os leitores de folhetins do século XIX.

FIGURA 2: Print da seção de comentário do capítulo 1.



FONTE: Wattpad. Disponível em: <https://www.wattpad.com/639964502-right-place-right-time-chapter-one/page/2>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

Podemos presumir, a partir desses comentários, que a autora fez a primeira publicação em outubro de 2018 e teve a sua última atualização quase dois anos após, em maio de 2020. A história contém 69 capítulos publicados em 76 partes, sendo duas dessas partes, no entanto, comunicados da autora para os seus leitores. A partir dessa sinopse, RPRT será narrada em primeira pessoa, alternando entre narrações do ponto de vista de Alícia e de Shawn Mendes, o casal protagonista em torno do qual se move a narrativa. Essa estratégia permite que o leitor (enunciatário) tenha acesso à percepção de cada personagem e suas perspectivas diante dos acontecimentos e, ainda, aos conflitos que determinam a demora de um “final feliz”, pela interferência de diferentes aspectos que agem no sentido do adiamento da união pretendida, conforme os parâmetros previstos pela literatura cor-de-rosa. Cada um tem uma visão parcial (a do seu ponto de vista), sem acesso ao que sente e pensa o outro. Assim, segue-se a proposta canônica de uma literatura que se assenta no adiamento do encontro final, mediada pelo “muito sofrer”.



Allie é uma adolescente que vive nos Estados Unidos, na cidade de *San Diego*. Ela perdeu o pai e o irmão mais velho, em um acidente, quando eles estavam indo levá-la para tentar ver o cantor Shawn Mendes, tais informações serão reveladas no capítulo dez e aprofundadas no capítulo 15. Inicialmente, consumida pelo luto e pela culpa, Alícia não se considera mais fã do cantor pop e tão pouco se sente instigada a ir aos shows dele. Por meio de uma interferência de Lorena, irmã de Allie, e Sofia, sua melhor amiga, Alícia acaba sendo levada para Los Angeles e, além de ter que ir ao show do ídolo *teen*, ela também terá que passar o fim de semana na cidade. Durante esse fim de semana, Shawn e Allie acabam se esbarrando e, mesmo contra vontade da garota, os dois acabam se tornando amigos. A história irá se desenvolver a partir daí. Faltando apenas alguns capítulos para ser finalizada, a trama evoluiu em torno da amizade dos dois e, depois de tantos percalços, como o fato de Shawn ser um cantor famoso e correr o risco de ter sua carreira manchada ao se envolver romanticamente com uma garota mais nova e fã, mesmo Alícia já tendo dezoito anos; um agente que não queria permitir a aproximação dos dois; Shawn e Alícia vencem todas as dificuldades e anunciam aos fãs que estão em um relacionamento sério.

Observando o gênero, os capítulos são relativamente curtos, com parágrafos e frases igualmente curtos, com muitos períodos simples e pouco uso de conjunções, conforme podemos observar no trecho a seguir:

“Respirei fundo. O dia estava acinzentado, como de costume no mês de fevereiro em San Diego.

Fechei os olhos e me aninhei no meu grosso cobertor. Não iria para a escola hoje, estava decidido.

A porta do quarto permanecia trancada, não queria ter que lidar com minha mãe ou loli tão cedo. O dia parecia perfeito para não escutar ninguém. Bom, isso é o que eu acreditava.

Minha respiração estava falhando, eu não queria ter que pensar”. (Maloste, 2018, s.p.)

Tais características conferem ao texto agilidade na leitura, demandando um leitor não aristocrático, no sentido que lhe confere Barthes (1987):

“[...] o que ‘acorre’, o que ‘se vai’, a fenda das duas margens, o interstício da fruição, produz-se no volume das linguagens, na enunciação, não na seqüência dos enunciados: não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras: sermos leitores aristocráticos”. (p. 20)

Conforme Barthes (1987, p. 19), há “dois regimes de leitura, uma que vai direto às articulações da anedota, considera a extensão do texto, ignora os jogos de linguagem [...]; [enquanto] a outra leitura não deixa passar nada”. Em RPRT, o prazer da leitura se centra na dinâmica dos acontecimentos, na expectativa que se cria a cada postagem, lembrando o efeito produzido pelos folhetins do século XIX:

“Em questão de minutos, minha visão deparou com um lugar imenso, em que na frente, estavam milhares de garotas empolgadas. Não. Definitivamente não. Ele não poderia ter feito isso comigo.

— Não... — Eu deixei que a raiva que habitava em mim crescer no momento em que vi o nome do cantor que costumava amar sobre a placa da frente do estabelecimento.

“ATRAÇÃO DA NOITE”, as letras embaçam meus olhos no mesmo instante que as vejo.

— Se tivéssemos te contado que íamos te trazer no show, você não ia aceitar de maneira nenhuma. — Essa foi a vez do Daniel se pronunciar, seu olhar parecia sincero.



— Ainda bem que vocês sabem, seus, seus... — Minha ira estava enorme. — Horríveis! — Bufei — Eu não quero assistir um show. Eu não quero ver ele. Essa era a antiga Allie! A atual Alícia não faz questão nenhuma de ver o Shawn Mendes!” (Maloste, 2018, s.p.)

Ao analisarmos os dois trechos, a qual se referem, respectivamente, ao início do final do primeiro capítulo, percebemos que há uma mudança na qual “passa-se do cotidiano ordinário ao extraordinário, surge o inesperado [...]” (Barros, 1999, p. 128). Nesse sentido, há uma interrupção momentânea no estado de *desinteresse* de Alícia e ela passa ao estado de ira por seus amigos terem-na levado ao show contra a sua vontade. Essa ruptura leva aos próximos acontecimentos da narrativa, nos quais há a transformação no estado de Alícia, que passa de ex-fã a amiga. No desenrolar da trama, a amizade evolui para um relacionamento amoroso com o cantor pop.

Um dos protagonistas é o cantor pop Shawn Mendes, um ídolo *teen*, que compõe o par romântico com a personagem Alícia. Sendo a figurativização entendida como um “revestimento figurativo e sensorial” do sujeito, no qual há alguns aspectos utilizados pelo enunciador que causam esse efeito e que suscita a ilusão de referencial que o converte em imagem do mundo, Shaw é figurativizado como “Shawn Raul Mendes”, “O cantor”, “Mendes”, “Shawnnie”, “Garotão”.

Usemos ainda o trecho anterior como exemplo, há elementos na narrativa que demonstram a presença de “milhares de garotas empolgadas”, “*ATRAÇÃO DA NOITE!*”, tal qual acontece nas filas de espera de shows, atrelado a isso e ao uso do nome completo do cantor, temos a atribuição das informações que condizem com a realidade.

“— Para onde vamos?

— Los Angeles — Daniel me respondeu e os olhares irritados caíram sobre ele.

[...]

Foram duas horas e alguns minutos de viagem. Eu vi as brilhantes e cheias de vida ruas de LA adentrarem meus olhos escuros. Não mudei a expressão, em contrapartida, Sofia dava pulinhos no banco de alegria. Se fosse há alguns meses atrás, eu estaria tão animada.

Los Angeles é um sonho, ou bom, costumava ser”. (Maloste, 2018, s.p.)

Ainda em termos de figurativização (no capítulo 1), um dos personagens informa a Alícia que estão indo para Los Angeles, dando assim uma localização concreta. Los Angeles é a cidade da fama e da cultura *pop*, além de ser lar de diversos artistas. A caráter de localização, San Diego (cidade da protagonista) fica a cerca de 200 quilômetros de distância de Los Angeles e o percurso pode ser percorrido em pouco mais de duas horas.

“A música começou e eu via a energia intensa das pessoas, eu via a felicidade delas. Sofia estava empolgada demais, ela entoava ferozmente a letra de uma das canções dele. Shawn Mendes era seu sonho naquele momento. Eu não podia estragar aquilo com as baboseiras que estavam se formando em meu peito”. (Maloste, 2018, s.p.)

Os elementos citados, o uso do nome próprio, as características da cidade na qual o show acontecerá, o tempo de viagem, causam o efeito de ilusão esperado, ou de verossimilhança concretizando atores e espaços, mesmo que a autora viva a milhares de quilômetros dessas localidades e que conheça o protagonista tão somente como fã.

Há ainda a complexificação que gira em torno do foco narrativo da *fanfic*; sendo narrada em primeira pessoa, há uma alternância de narradores ao longo de toda a história, sendo frequente os focos narrativos de Alícia e Shawn, no entanto, há também, pelo menos um capítulo, narrado por Sofia, que é a melhor amiga de Allie.



Alicia segue sendo a narradora até o capítulo nove. Já no capítulo dez, a autora nos avisa, no início do capítulo, que haveria um novo “ponto de vista”, indicando que seria narrado pelo personagem de Shawn (Figura 3).

FIGURA 3: Print do aviso sobre a mudança de foco narrativo, cap. 10.

Olá, meus bebês! Hmmmm 10 capítulos já, e como presente, virá uma narração diferente!

Aproveitem muito! 💙🌟

Shawn — Point of view.

FONTE: Wattpad. Disponível em: <https://www.wattpad.com/642860013-right-place-right-time-chapter-ten>. Acesso em: 06/12/2022.

Nos capítulos posteriores, Alícia volta ao papel de narradora (do capítulo 11 ao 16) e há novamente o “ponto de vista” de Shawn no capítulo 17. Já o foco narrativo pelo ponto de vista de Sofia só vai ocorrer no capítulo dezoito, conforme vemos no recorte abaixo:

Sofia — Point of view.

“Desde que bati os olhos em Alícia, em uma piscina de bolinhas quando tínhamos 7 anos, eu soube que existia algo diferente nela. Ela era extrovertida, sorridente, cheia de empatia e maluca de um jeito incrível. Acho que todas as minhas loucuras sempre foram com ela”. (Maloste, 2018, s.p.)

Neste sentido, a escolha de alternância entre narradores, além de dar continuidade ao efeito de aproximação com cada personagem e seu ponto de vista, leva o leitor a compreender os acontecimentos anteriores e posteriores da narrativa. Ou leva o leitor a olhar, pela perspectiva de outro personagem, um acontecimento já narrado pelo outro narrador. Ao mesmo tempo, revela o emprego de recursos mais sofisticados da narrativa, que rompe com a linearidade e deixa antever uma arquitetura mobilizada pela autora. Para o leitor, a explicitação da mudança é apresentada de forma direta, com o emprego de expressão em língua inglesa (*point of view*).

Shawn — Point of view.

“As ruas movimentadas de Los Angeles pareciam ser às mesmas. As pessoas estavam vivendo suas vidas como se nada nesse universo estivesse mudado. Mas, dentro de mim, eu sabia que algo havia mudado. Os olhos castanhos esverdeados não saíam de minha mente e algo me dizia que aquilo não era bom. Com os pensamentos longe e um coração angustiado, por motivos que eu não sabia explicar, mantive-me quieto na volta ao hotel. Pisco diversas vezes tentando tomar consciência das palavras que saíram da minha boca minutos atrás. [...] — eu... eu... espero te ver outra vez — Minhas palavras saíram como um sussuro e algo como uma pancada no peito apareceu em fração de segundos. E eu esperava. Esperava revê-la com todas as minhas forças. Por céus eu sentia angústia em me separar de alguém que tivera conhecido em menos de 24 horas?” (Maloste, cap. 17, s.p.)

Como já foi dito, a alternância de foco narrativo permite ao leitor uma percepção maior dos fatos narrados. No caso dessa narrativa, essa alternância, cria-se um vínculo e uma aproximação entre o leitor e os personagens que ganham voz como narrador. Neste sentido, ter o personagem Shawn narrando permite ao leitor entender como ele se sente em relação a Alícia e ao que aconteceu em sua história.

Segundo Fiorin (1996), o enunciador define certas marcas de regionalidade ou cultural para causar efeito de verdade em seu enunciado. Atrrelados a tais marcas da enunciação, a escolha de a narrativa ser centrada em cidades dos



Estados Unidos gera um efeito de verdade que não ocorreria se a narrativa se passasse no Brasil, por exemplo. Vejamos o excerto a seguir:

“Os meus passos me levaram para fora do hotel. Eu sabia que Tongva Park Overlooks não ficava muito longe dali. Aquele lugar era... incrível. Caminhei por longos minutos, deixei que o vento percorresse meu rosto. Era gostoso sentir a brisa da manhã. Olhei pela rua e parecia vazia, ver Los Angeles assim, era tão diferente do que ver suas tardes movimentadas. Quando cheguei ao parque, andei sobre as estreitas ruas entre as árvores. Sentia-me segura ali. Natureza era reconfortante. Subi as escadas e passei pela pequena ponte. Me dirigi até o amontoado de árvores ali perto. Joguei meu corpo sobre o chão, escorando na árvore. Deixei meus pensamentos me levarem para longe. Tudo estava um caos. Eu ao menos podia me reconhecer. Meu mundo estava de ponta cabeça, começando por ter esbarrado com um garoto que costumava mudar minha vida. Era tudo tão doloroso e confuso”. (Maloste, 2018, s.p.)

Nesse exemplo, há uma série de elementos que revestem de informações reais, dando uma localização concreta ao enunciário e trazendo o efeito de ilusão esperado. Tais elementos e aspectos utilizados na narrativa, são denominados de ancoragem. Esse recurso, segundo Barros, “trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’ [...], preenchendo-os com traços sensoriais que os ‘iconizam’ e os fazem ‘cópias da realidade’” (Barros, 2005, p. 58).

Nesse sentido, o enunciador reveste seu texto de aspectos linguísticos e ao criar a narrativa de um romance que ocorre em solo norte-americano, torna-se comum que os personagens façam interjeições como “céus”, “que diabos”, entre outras. Além do uso de nomes e sobrenomes, ou a grafia diferente desses elementos, que são mais comuns lá, por exemplo, o nome da protagonista “Alicia Elizabeth Collins” e o nome da antagonista “Rebecca Hastings”. O uso de apelidos como “Allie” e “Allystar” (para o nome *Alícia*), “babe” e “baby” (ambos *bebês*, em tradução literal), entre outros, também são termos comumente utilizados nesse tipo de narrativa. Assim, garante-se a iconização do enunciado e criação da ilusão de realidade esperado.

No próximo recorte, temos um revestimento sensorial no qual a personagem sente “medo” e se sente “intrigada” perante a presença e a voz do outro. Tais revestimentos, segundo Barros, são comumente encontrados nesses tipos de romance, pois “tem um caráter igualmente sensorial, com predominância do visual e, em segundo lugar, do som e do tátil [...] a ação ou o processo de ver [...] os elementos sonoros, ligados principalmente a voz [...]” (Barros, 1999, p.131–132).

“Escutei um barulho não tão longe de mim. Senti um arrepio percorrer meu corpo. Podia sentir o medo percorrer minhas veias.

— Está tudo bem? — Uma voz intrigante percorreu meus ouvidos e eu não soube como reagir”. (Maloste, 2018, s.p.)

Ao longo da narrativa, temos mais momentos “sensoriais”, mesmo que não seja totalmente relacionado ao “som e do tátil”, como podemos ver, por exemplo, nos seguintes trechos: “Shawn lançou-nos um sorriso audacioso que me causou coisas que não sei explicar” ou ainda “O modo em que Shawn pronunciou meu nome fez meu estômago revirar” (Maloste, 2018, s.p.); “— *Alícia, por favor — A voz conhecida me causou arrepios, fazendo-me se aconchegar ainda mais naquele peito largo e braços grandes*” (Maloste, 2018, s.p.). É também o caso do exemplo abaixo:

“— Boa tarde florzinhas — Ela sorriu gentilmente — Vocês são as fãs que ganharam a promoção?

Sofia riu — Na verdade, não... Nós estamos numa espécie de lista, eu acho — ela pareceu nervosa pela voz e eu parei de prestar atenção quando vi o garoto que costumava ser a minha tormenta caminhar lentamente entre os holofotes, então, ele levantou o olhar e me viu, naquele instante seu olhar se prendeu no meu e ele



abriu um sorriso que me fez sentir um soco no estômago. Acho que meu coração parou por um segundo e todo mundo pareceu escurecer. Naquela fração de realidade, apenas existia Shawn Mendes me olhando fixamente com aquele sorriso perfeito". (Maloste, 2018, s.p.)

Além disso, a partir desse momento, no capítulo 20, Alícia começa a perceber que seus sentimentos em relação ao cantor estão começando a mudar, mesmo que ela ainda não consiga identificar exatamente o que está acontecendo com ela nesse momento, então há, novamente, um momento de ruptura da isotopia, uma mudança do "ordinário" ao "extraordinário", como no seguinte trecho: *"Sem que pudesse pensar, a voz de Shawn Mendes apareceu em minha mente dizendo que com um sorriso poderia ganhá-lo por completo. Eu só poderia estar ficando louca. O que esse cantor estava colocando no meu coração?"* (Maloste, 2018, s.p.). Quando há a mudança do foco narrativo, no capítulo vinte e três, percebemos também essa "ruptura" por parte do cantor.

"Acredito que as palavras dela se perderam em algum lugar da minha mente naquela fração de segundo. Tudo que meu universo conseguiu assimilar foi a garota que ficava incrivelmente bem em um moletom de gatinhos. Respirei fundo, sabendo que já não estava ouvindo mais nada ao meu redor. Dei um passo a frente e meu olhar colidiu com o dela, fazendo-me sorrir sem que ao menos pensasse. Meu estômago revirou e meu coração errou a batida. Que diabos Alícia. O que você está fazendo comigo? Não consegui me movimentar além disso, senti cada parte do meu corpo arrepiar com ela ali parada e ao mesmo tempo tão inquieta, vestindo aquele belo vestido preto que destacava o que ela tinha de mais bonito. Céus, Alícia Collins conseguia ser bonita vestindo qualquer coisa". (Maloste, 2018, s.p..)

Segundo Barros (1999, p.131) "a trama dos romances é sempre a de vencer o temor e a irritação", e cada um desses momentos evidenciados, todos os momentos de ruptura ou de revestimento sensorial que ocorrem na narrativa encaminha os protagonistas para finalmente aceitarem o que está acontecendo com eles e seus sentimentos e se permitirem vivenciá-los. Permitindo que o percurso temático e figurativo da narrativa seja cumprido.

No entanto, não é tão simples. Shawn é um cantor famoso e tem a complexidade de sites de fofocas, paparazzis e os próprios fãs especulando sobre sua vida pessoal e com quem ele se relaciona. Nem sempre o relacionamento com uma fã é bem-visto por esses grupos, nem pela mídia geral, além da pressão do empresário/assessor.

"— Você chegou a mexer no celular nos últimos minutos? — Um de meus assessores disse. — Eu nem sequer tive tempo. [...]"

— Diga para mim que você vai começar a pensar no que faz, Shawn — Andrew levantou e colocou a mão no meu ombro — Eu sempre te apoiei, sempre. Em cada decisão, desde o primeiro momento... Mas, agora, essas matérias estão tomando um rumo que não é bom pra ninguém [...] — Eu sei que um garota bonita e ingênua como ela pode ser atrativa, Shawn — Ele se aproximou e todos me olhavam — Mas isso prejudica sua carreira. Então, pense, pense bem antes de tornar uma brincadeira sua pública. [...] — Você precisa provar para as pessoas que não tem nada com uma garota mais nova e que principalmente seja sua fã. Ninguém vai acreditar em um simples tuíte.

— O que eu vou ter que fazer? — Passei a mão nos meus cabelos, exalando nervosismo.

— Apareça com uma garota mais velha em público, troque afetos com ela... [...] Você pode fingir um término daqui a algumas semanas.

— Eu não vou fingir, Andrew, parece que você não me conhece. — Levantei-me irritado.



— Então diga adeus a sua carreira dos sonhos, porque querido, infelizmente uma imagem manchada estraga tudo. E bom, Alícia, a garota, também será taxada como a garota que estragou o que você tinha... É isso que você quer?” (Maloste, 2018, s.p.)

Somente no capítulo 50, eles completam o ciclo e dão início ao “felizes para sempre” deles, que é “resultado de uma fratura no dia a dia, e a de duração sem fim da perfeição, da fusão” (Barros, 1999, p.133). A *fanfic* ainda segue em elaboração, no entanto, já é possível perceber que o percurso dos personagens se encaminha para um final feliz.

“O último suspiro percorreu seus lábios quando o ar faltou para ambos. Seus lábios terminaram o beijo com selinho demorado, e um pequeno toque em cabelo. — Or is that just me and my imagination?

*Sorri tão perto dele que meu coração podia explodir. Shawn Mendes cantou minha música preferida, antes de me dar meu primeiro beijo, o quão importante foi com a pessoa dos meus sonhos. Céus, minha mãe tinha razão... A vida tinha um plano, e bom, **tudo realmente tinha lugar certo e hora para acontecer.***

— Então, gatinha — Ele riu tão perto de mim que fez meu coração acelerar. — Você aceita a rosa?

— Eu aceitaria mil rosas vindas de você, seu idiota — Sorri, deixando-o me puxar para mais um beijo.

— Que bom, porque eu pretendo passar minha vida te enchendo de rosas — Ele sorriu e colocou os fios estúpidos do meu cabelo atrás da orelha — E beijos”. (Maloste, 2018, s.p., grifos nossos)

Há ainda uma questão a ser tratada, no trecho citado acima há referência ao título da *fanfic* em português e ao longo da narrativa essa frase é dita nos mais diversos momentos, tornando-se um mantra, uma verdade de vida na qual Alícia e sua família acredita. Ao realizar uma pesquisa com o nome da *fanfic*, foi possível descobrir que um personagem da série “*How I Met Your Mother*” tem uma frase marcante na qual o título aparece e, em uma conversa informal com a autora, ela confirmou que sua inspiração para o título advém dessa citação. Apesar de a *fanfic* não ter nenhuma ligação direta com a série, tudo ao redor de Alícia condiz com o pensamento de Ted Mosby de que as coisas acontecem como têm que acontecer, e que basta estar no “*lugar certo, na hora certa*”.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho remete a uma pesquisa em andamento e, portanto, muito pode ser ainda revisto com relação ao exposto. Reconhecemos que há muito a considerar para a compreensão não apenas dos aspectos internos à estrutura textual, a ser depreendido da regularidade das produções, como a urgência de levar em conta as práticas que envolvem a produção e a recepção desse gênero.

Ainda que esteja, no contexto da educação brasileira, previsto como um dos gêneros a serem contemplados pelas aulas de língua portuguesa (Brasil, 2018), trata-se de uma produção que existe independentemente de qualquer prática de escolarização, o que não ocorre com outras que ainda são lidas por serem escolarizadas como a maior parte do que é considerado literatura canônica.

Ler e produzir *fanfics* leva o leitor a outros voos? Não parece ser essa uma questão que se responda facilmente, mas é certo que a *Web* e suas plataformas tornaram mais democrático o gesto da escrita, direito de todo sujeito da linguagem. Pode-se considerar que essa suposta liberdade sofre das coerções da cultura de massa, que condiciona gostos e práticas, que tudo hoje é sólido amanhã se desmancha no ar, dadas as instabilidades das aceleradas transformações de nosso tempo...

O que é certo é que as *fanfics* se avolumam no universo da cultura digital e compõem um quadro complexo que subverte ainda mais a já complexa compreensão sobre a autoria na contemporaneidade. Cabe aos analistas a compreensão sobre o fenômeno e ficar longe de legislar sobre o gosto.



AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao CNPq e a CAPES.

Às contribuições trazidas pelo Grupo de Estudos do Sentido (GESTO/CNPq), especialmente as formuladas pelas pesquisadoras Naiane Vieira dos Reis Silva (IFCE) e Eliane Aparecida Miqueletti (UFGD).

REFERÊNCIAS

Barros, D. L. P. (2005). *Teoria semiótica do texto*. Ática.

Barros, D. L. P. (s.d.). “De la perfection”: duas reflexões. In Landowski, E., Dorra, R., & Oliveira, A. C. (Eds.). *Semiótica, estesis, estética* (pp. 101–118). EDUC; Puebla: UAP.

Bakhtin, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. HUCITEC.

Barthes, R. (1987). *O prazer do texto*. Perspectiva.

Beaudouin, V. (2002). De la publication à la conversation: lecture et écriture électronique. *Réseaux*, 26(116), 199–225. <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2002-6-page-199.htm>

Benveniste, É. (2006). *Problemas de linguística geral II*. Pontes.

Brasil (2018). *Base nacional comum curricular*. MEC.

Foucault, M. (2001). *Ditos e escritos: estética — literatura e pintura, música e cinema*, v. 3. Forense Universitária.

Fries, W. C. Louca como uma Caixa de Sapatos. In Jamison, A. (Ed.) (2017). *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo* (pp. 60–65). Anfiteatro.

Grossman, L. Apresentação. In Jamison, A. (Ed.) (2017). *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo* (pp. 11–14). Anfiteatro.

Jamison, A. (Ed.) (2017). *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo*. Anfiteatro.

Greimas, A. J. (2002). *Da imperfeição*. Hacker.

Landowski, E. (1996). Para uma abordagem sociossemiótica da literatura. *Significação, Revista Brasileira de Semiótica*, 11–12, 22–43.

Maloste, A. (2018). *Right place, right time*. Wattpad. <https://www.wattpad.com/story/163876920-right-place-right-time>

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.